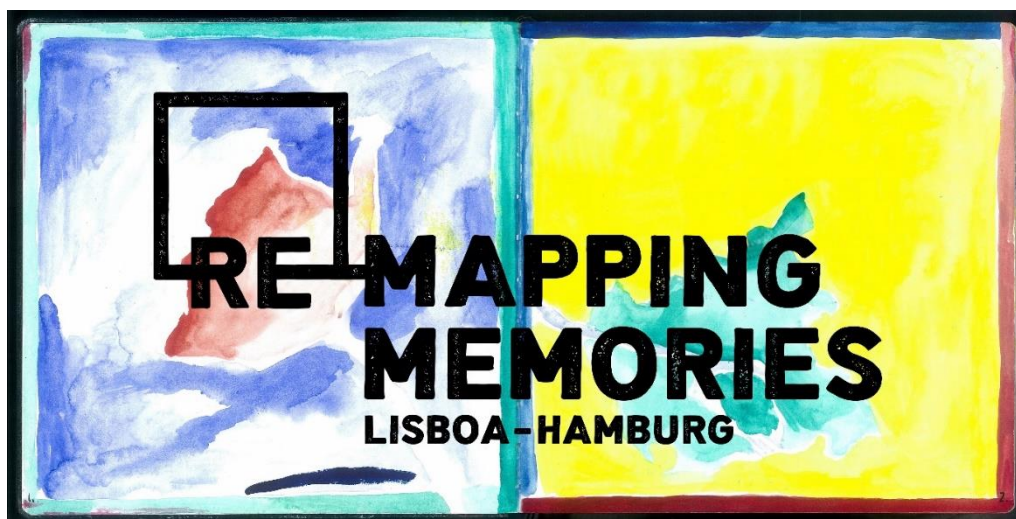




REMAPPING MEMORIES

LISBOA - HAMBURG

Lugares de Memória (Pós)Coloniais



Mais informações:

Susanne Sporrer
Diretora do Goethe-Institut Portugal
+351 218 824 510
Susanne.Sporrer@goethe.de

www.re-mapping.eu

www.goethe.de

**GOETHE
INSTITUT**

Sprache. Kultur. Deutschland.



SOBRE O PROJETO

O projeto **ReMapping Memories Lisboa - Hamburg** do Goethe-Institut Portugal ocupa-se dos vestígios e do legado do colonialismo e da resistência anticolonial no espaço público de duas cidades portuárias: Lisboa e Hamburgo. Partindo do exemplo destes dois centros do imperialismo europeu, o projeto procura evidenciar os vestígios e registos da experiência colonial que perduraram em ambas as cidades até ao século XXI. Importância central assume um *website* que serve para, no mapa de cada uma das cidades, contextualizar os lugares de memória (pós)coloniais, onde se poderá descobrir locais de resistência invisíveis e esquecidos e onde, sempre que possível, se apresentará as linhas de junção entre Lisboa e Hamburgo.

A par do *website*, o projeto **ReMapping Memories Lisboa - Hamburg** irá gradualmente sendo complementado com a organização de séries de debates, projetos educativos e intervenções artísticas. Nos mapas virtuais de ambas as cidades irão continuamente sendo também acrescentados novos lugares de memória, devidamente contextualizados, de modo a obter-se uma rede de relações e linhas de junção com uma malha cada vez mais apertada.

A escolha dos lugares de memória foi fruto de um diálogo levado a cabo com um conselho consultivo em Lisboa e um grupo de consultores em Hamburgo, mas resulta também de um diálogo estreito com autoras e autores com trabalho publicado sobre estas matérias. A par de contextualizações de carácter jornalístico-científico dos lugares em questão, o *website* integra também os pontos de vista radicalmente subjetivos de ativistas, bem como intervenções artísticas e textos ficcionais. As pessoas afetadas pelas continuidades coloniais constituem – enquanto artistas, consultores, autores e entrevistados – um pilar de importância central neste projeto.

Académicos, ativistas, artistas e guias das cidades ocupam-se há vários anos – e nos últimos tempos com redobrado empenho – com o legado do colonialismo e da resistência anticolonial no espaço público, mas o trabalho pioneiro de investigação que desenvolveram recebeu com frequência muito pouca atenção. As contribuições incluídas no *website* referem e estabelecem relações com alguns desses trabalhos.

Essas contribuições abrangem também projetos e discussões atualmente levados a cabo no espaço urbano, que visam consciencializar o público para partes da história das cidades que têm sido reprimidas ou esquecidas. É o caso do novo Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas, em Lisboa, ou da controvérsia em torno das obras de restauro do Monumento a Bismarck, em Hamburgo.

Tais projetos e discussões demonstram a crescente tomada de consciência de que não apenas os museus e os arquivos, mas também as cidades precisam de ser descolonizadas. O modo como tal propósito poderá ser implementado tem vindo a ser intensamente debatido em muitas cidades europeias. Com o projeto **ReMapping Memories Lisboa - Hamburg** pretendemos através da troca de ideias e apresentação de conceitos prestar o nosso contributo nesse sentido.

www.goethe.de

**GOETHE
INSTITUT**

Sprache. Kultur. Deutschland.



Remapping Memories Lisboa - Hamburg é financiado com recurso a fundos especiais da presidência do Goethe-Institut e patrocinado pela Associação São Bartolomeu dos Alemães em Lisboa.

PERGUNTAS FREQUENTES

Como surgiu a ideia para o projeto **ReMapping Memories Lisboa - Hamburg**?

A ideia para este projeto surgiu de uma conjugação de fatores em 2018. Em Lisboa estávamos no pico da discussão sobre o Museu dos Descobertas. Em França, o presidente Emmanuel Macron tinha encomendado aos académicos Bénédicte Savoy e Felwine Sarr a elaboração de um estudo sobre a restituição do património cultural africano. E em Berlim, o novo Fórum Humboldt no reconstruído Palácio da Cidade estava a ser objeto de controvérsia. Este foi o ponto de partida central para uma discussão sobre artefactos roubados e, ao mesmo tempo, o primeiro contacto do público alemão com o tema do colonialismo na Alemanha. No seu relatório, Bénédicte Savoy e Felwine Sarr acusaram a Europa de estar a querer fechar os olhos ao problema. Esta cegueira foi reconhecida quase simultaneamente em muitos países europeus. Por toda a Europa, a questão da descolonização tornava-se assim o tema na ordem do dia na política e nos media, chegando pela primeira vez a um público mais vasto.

E, claro, o crescimento do movimento Black Lives Matter após a morte de George Floyd em 2020 deu um impulso ainda maior. Todos estes acontecimentos contribuíram para o desenvolvimento deste projeto.

Como é que o Goethe-Institut vê o seu papel nesta discussão mundial?

No âmbito do seu trabalho cultural o Goethe-Institut procura abordar os temas mais relevantes da sociedade. O tema do colonialismo foi definido como um dos temas centrais há algum tempo, e o debate sobre estas questões foi incentivado um pouco por todo o mundo, incluindo na Alemanha. No website [Latitude](#) encontram-se muitos dos projetos já desenvolvidos.

Em Portugal começámos por abordar este tema em novembro de 2018 numa discussão sobre o estado atual do debate sobre a descolonização na Alemanha e em Portugal. Nesta discussão foi enfatizado que o colonialismo era um projeto europeu, e que existiam muitas ligações entre as antigas potências coloniais rivais, incluindo entre Portugal e a Alemanha. Isto deu o impulso para o projeto bilateral **ReMapping Memories Lisboa - Hamburg**.

www.goethe.de

**GOETHE
INSTITUT**

Sprache. Kultur. Deutschland.



Porque é este projeto reflete sobre o espaço urbano em vez de se dedicar a questões de restituição de artefactos?

O espaço urbano está muito mais próximo das pessoas do que os artefactos em museus ou arquivos. É um lugar de encontro, de negociação, de convivência. Mas o espaço urbano também separa, cria pertença ou exclui. E o espaço urbano é um lugar de memória e de autoconfiança. As nossas cidades europeias, tais como Lisboa, Hamburgo, Bruxelas, Amesterdão, Marselha, etc., estão cheias de memórias coloniais. Estátuas, nomes de ruas, de monumentos, edifícios, inscrições. Eles representam a nossa história, incluindo a nossa história violenta, e fazem parte de uma grande encenação de governantes que não eram democráticos. Eles moldam as nossas sociedades. O que fazemos com esta herança? E como podemos criar um "sentimento contínuo de perturbação" (uma expressão de Carsten Brosda, Senador da Cultura de Hamburgo) quando passamos por estátuas que não representam valores democráticos mas sim desprezo pela humanidade, violência? E o que fazemos com todos os lugares e pessoas que hoje já não são lembrados? Com os heróis da resistência, pessoas de cor, que construíram as nossas cidades como escravos, que aqui viveram, que moldaram e enriqueceram as cidades, mas que não foram homenageados com monumentos. No fundo: o que fazemos com esta história esquecida?

A discussão sobre estas questões está em pleno andamento. Em Berlim e em muitos outros lugares, os nomes das ruas estão a ser alterados. Em Hamburgo, discute-se em vários painéis internacionais sobre uma contextualização histórica do enorme monumento de Bismarck- Em Lisboa, como resultado de um processo participativo, está a ser construído pela primeira vez um memorial para homenagear os escravizados.

Porque é que este projeto é sobre Hamburgo e Lisboa e não sobre as duas capitais, Berlim e Lisboa?

Hamburgo e Lisboa são ambas cidades portuárias, o que as liga muito. Para além de Berlim, Hamburgo era a cidade da Alemanha mais influenciada pelo colonialismo: como cidade portuária, Hamburgo foi uma das metrópoles coloniais mais influentes da Europa durante séculos. Hoje em dia, e isto é importante para o nosso projeto, a cidade de Hamburgo sente a responsabilidade de refletir (e de aceitar) a história colonial de uma forma autocrítica. Hamburgo é a primeira cidade na Alemanha a desenvolver um conceito de descolonização da recordação em toda a cidade. A fim de desenvolver este conceito, foi criado o *Conselho Consultivo para a Descolonização de Hamburgo*, que inclui principalmente pessoas de cor especialistas neste tema. Este conceito diz respeito a quase todas as áreas da vida pública.

Também em Lisboa, a discussão sobre o Museu das Descobertas e sobre o processo de construção do novo Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas no centro da

www.goethe.de

**GOETHE
INSTITUT**

Sprache. Kultur. Deutschland.



cidade pôs muitas coisas em marcha. Muitos falam de uma dinâmica de mudança. Estes são pontos de partida importantes e interessantes para um intercâmbio intensivo.

Além disso, há uma multiplicidade de linhas de ligação entre as duas cidades coloniais, como se pode ver, por exemplo, no texto de Jorun Poettering "O Eixo Hamburgo - Lisboa nos Séculos XVII e XVIII" ou no texto de Jonas Prinzleve "Sobre o Património Colonial Partilhado das Cidades Portuárias de Hamburgo e Lisboa".

Como foram escolhidos os lugares da memória pós-colonial em ambas as cidades?

Foi de facto um longo processo, que também foi um pouco diferente nas duas cidades. A equipa do Goethe-Institut fez uma pesquisa exaustiva, mas muito mais importante do que isso foi o apoio de pessoas, investigadores e ativistas que trabalhavam neste tema há muito tempo. O nosso conselho consultivo também desempenhou um papel muito importante, pois é constituído por pessoas que se dedicam a este tema há muitos anos. Um outro recurso importante são as entrevistas realizadas em ambas as cidades a 15 personalidades muito diferentes, que fornecem informações sobre os locais que escolhemos para este projeto. Estas entrevistas estão entre as partes mais relevantes deste website.

Quem escreve os textos?

Convidámos pessoas muito diferentes para escreverem textos para o website: de historiadores a antropólogos, de ativistas a escritores. Os textos não refletem apenas a opinião dos editores: todas as vozes são importantes no processo de negociação do trabalho de recordação nas cidades. A participação de autores com diferentes origens e perspetivas culturais foi fundamental para este projeto.

O que espera conseguir com este projeto?

O projeto é uma obra em curso e continuará a ser desenvolvido até ao verão de 2022. Até lá, queremos contextualizar 25 sítios de memória em cada cidade. Queremos promover um intercâmbio sobre as estratégias de descolonização das cidades,

CONSELHO CONSULTIVO (PORTUGAL)

António Sousa Ribeiro é professor catedrático da Secção de Estudos Germanísticos do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e diretor do Centro de Estudos Sociais da mesma universidade. É coordenador do programa de doutoramento "Pós-Colonialismos e Cidadania Global".

www.goethe.de

**GOETHE
INSTITUT**

Sprache. Kultur. Deutschland.



Inocência Mata é professora da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa na Área de Literaturas, Artes e Culturas e membro do Centro de Estudos Comparatistas. É professora convidada de diversas universidades, além de autora e coordenadora de vários textos e publicações sobre estudos culturais e pós-coloniais.

Isabel Castro Henriques é professora aposentada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, historiadora e autora de diversos estudos sobre a história de Angola, da África Central e de São Tomé e Príncipe, bem como sobre o colonialismo e as relações afro-portuguesas, a escravatura e o tráfico de escravos e a presença africana em Portugal.

Judite Primo é titular da Cátedra UNESCO “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural” e investigadora FCT no âmbito da “Educação, Cidadania e Diversidade Cultural: Teoria e Prática da Sociomuseologia”.

CONSULTORES (HAMBURGO)

Noa K. Ha. é diretora científica do Centro Alemão para Investigação da Integração e Migração. Os principais temas que aborda no seu trabalho são a investigação urbana pós-colonial, a política de memória relacionada com migrantes e comunidades na diáspora, a investigação crítica da integração e a análise crítica do racismo.

Hannimari Jokinen é uma artista e curadora que desde 2004 tem levado a cabo intervenções no espaço público orientadas para a participação cívica e organizado passeios performativos pela cidade de Hamburgo a propósito da sua história colonial e de migrações.

Daniel K. Manwire tem formação superior na área da biologia e da pedagogia social e é ativista. No âmbito da formação de adultos, dedica a sua atenção aos temas da análise crítica do racismo, do antissemitismo e do nacional-socialismo.

Beatrace Angut Oola trabalha como curadora interdisciplinar, produtora criativa, professora convidada e consultora para questões de moda africana no ramo das indústrias criativas, tendo ainda criado a *Fashion Afrika now*, uma plataforma *online* transafricana de interligação e intercâmbio de informação.

Jonas Prinzleve é bolseiro de doutoramento no Centro de Estudos Comparatistas da Universidade de Lisboa e membro do Conselho Consultivo para a Descolonização de Hamburgo.

Anke Schwarzer é jornalista e está também envolvida na vertente da formação histórico-política do ensino para adultos e na docência. Desde abril de 2019 é membro do Conselho Consultivo para a Descolonização de Hamburgo.

www.goethe.de

**GOETHE
INSTITUT**

Sprache. Kultur. Deutschland.